

Uma Viagem ao Sul: Do 'El Sur', de Borges, ao Roteiro Turístico Rural em Bagé-RS, Brasil

A Travel to South: from 'El Sur', by Borges, to Rural Tourist Rout in Bagé-RS, Brazil

EURICO DE OLIVEIRA SANTOS¹, SUZANA MAGGIONI², HUMBERTO THOME ORTIZ³, NOE ANTONIO AGUIRRE⁴

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v9i3p472>

RESUMO

Argentina, Uruguai e Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, compartilham o ecossistema Pampa e, cada um ao seu modo, tem na figura do *gaucho* / gaúcho, um referencial. Na elaboração dessa identidade, o Pampa – o El Sur, de Borges - apresenta alto valor simbólico no imaginário social construído na literatura, mas também na música e no folclore de ambos os países. O presente artigo aproxima o El Sur borgeano, presente na viagem do personagem Dahlmann, ao Sul presente em roteiro turístico rural em Bagé, um dos municípios melhor associados ao imaginário 'gaúcho', no Brasil. Bagé apresenta patrimônio material relevante e diversificado. Tanto o texto de Borges como o roteiro turístico rural configuram o Pampa como um lugar de memória a expressar origem e pertencimento. Uma pesquisa bibliográfica sobre pontos turísticos mencionados no roteiro revela uma história rica e complexa que vai além da visão mítico-fundadora, em geral presente nas narrativas sobre o regional. Conclui-se pela importância da preservação do patrimônio histórico existente no roteiro mencionado e o turismo rural como uma alternativa para viabilizá-la.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo Rural. Roteirização. El Sur. Jorge Luis Borges. Pampa. Bagé-RS, Brasil.

¹**Eurico de Oliveira Santos** – Doutor. Professor e pesquisador no Programa Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, Brasil. ORCID 0000-0001-7898-6592. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7321278494223871> E-mail: eurico58@terra.com.br

²**Suzana Maggioni** – Bacharel em História, Universidade de Caxias do Sul. E-mail: suzana.bertuol@hotmail.com

³**Humberto Thome Ortiz** - Doutor. Professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Ciências Agropecuárias y Rurales, Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, México. ORCID 0000-0002-6714-3490. E-mail: humberthome@hotmail.com

⁴**Noe Antonio Aguirre** – Doctor en Ciencias Agropecuarias y Recursos Naturales. Postdoctorante Instituto de Ciencias Agropecuarias y Recursos Naturales. Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, México. ORCID 0000-0003-1936-8940. E-mail: geog_naguirre@yahoo.com.mx



ABSTRACT

Argentina, Uruguay and Brazil, in the State of Rio Grande do Sul, share the Pampa ecosystem and, each in its own way, has a reference in the figure of the gaucho / gaúcho. In the elaboration of this identity, the Pampa - El Sur, by Borges - presents a high symbolic value in the social imaginary constructed in literature, but also in the music and folklore of both countries. This article approaches 'El Sur' Borgeano, present in the trip of the character Dahlmann, to the South present in rural tourist route in Bagé, one of the municipalities best associated with the imaginary 'gaucho' in Brazil. Bagé presents significant and diversified material assets. Both the Borges text and the rural tourism route configure the Pampa as a place of memory, to express origin and belonging. A bibliographical research on tourist points mentioned in the script reveals a rich and complex history that goes beyond the mythical-founding vision, usually present in the regional narratives. It is concluded by the importance of the preservation of the historical patrimony existing in the itinerary mentioned and the rural tourism as an alternative to make it viable.

KEYWORDS

Rural Tourism. Tourist Route. El Sur. Jorge Luis Borges. Pampa. Bagé-RS, Brazil.

INTRODUÇÃO

O artigo propõe realizar visita ao Sul, acompanhando a viagem de Juan Dahlmann, personagem criado por Jorge Luis Borges (1975) no conto *El Sur*, assim como apresentar resgate histórico dos bens culturais presentes em roteiro de turismo rural, no município de Bagé. *El Sur* foi escolhido, pelas possibilidades de leitura que permite, e por se tratar de um *relato de viagem* ao Pampa, onde Dahlmann vai em busca de uma história não vivida, de um passado reverenciado apenas por símbolos, mas que alimenta a vida urbana do personagem, definindo sua identidade e pertencimento. Tenta-se estabelecer a conexão entre a paisagem [o Pampa] e a construção da identidade do personagem Juan Dahlmann, que se sentia 'profundamente argentino'. Questiona-se, como fio condutor, sobre de que forma o Pampa passa a integrar um imaginário e uma identidade, para o personagem ficcional borgeano. No caso do conto, trata-se da identidade nacional Argentina, mas que pode ser transposta para o Rio Grande do Sul [Brasil] e a identidade regional 'gaúcha', uma vez que ambos compartilham o mesmo ecossistema natural, com as aproximações culturais daí decorrentes. Importante frisar que não se pretende uma análise literária do conto, mas apenas acompanhar como ali se dá o percurso do personagem em seu 'retorno' ao Sul-Sur.

No segundo momento deste texto, debatem-se conceitos sobre a construção do imaginário social e sobre o social-histórico. Considera-se que as identidades regionais são construções históricas, sendo importante tal entendimento, para que tais representações se efetivem. Preservar o patrimônio histórico e estabelecer com ele um diálogo permite repensar tais representações. Portanto, neste artigo, questiona-se a existência de um 'país chamado Sul' e, sendo a resposta positiva, pergunta-se: que país seria esse? Não se trataria apenas de um sonho, de uma imagem idealizada, como talvez o tenha sido para Juan Dahlmann, no conto?

Entende-se que o turismo também é formado de imaginários e símbolos selecionados em determinado contexto histórico e cultural (Santillán, 2010).

Por fim, descrevem-se os percursos temporais da história de pontos turísticos do roteiro de turismo rural do município de Bagé, através de pesquisa bibliográfica, vindo à tona uma história conflituosa, plena de embates em disputas passadas e presentes. Uma história rica e cuja complexidade vai além da visão mítico-fundadora. Foi esse o roteiro escolhido, pois a região da Campanha, no Rio Grande do Sul, exerce sobre o imaginário gaúcho um forte simbolismo enquanto *lugar de origem* e Bagé possui um patrimônio histórico e cultural com bens relevantes e diversificados, significativos dessa *gauchicidade*. Um passeio pelo roteiro mencionado [mesmo que realizado apenas através de pesquisa bibliográfica] se configura como uma visita à parte significativa da história do Rio Grande do Sul e, dessa visita, é possível que se encontre o sentimento de identidade e pertencimento ou o estranhamento e a morte da visão do ‘Sul’ mítico.

Conclui-se que a conservação de bens culturais relevantes propicia releituras e o conhecimento da história e que o turismo rural pode ser uma alternativa para a manutenção do patrimônio histórico ali existente. Se o poder público não possui recursos para investir na conservação de bens culturais, sendo a destruição irreversível, dar novos usos para velhos recursos, através da atividade turística, pode ser uma alternativa de preservação.

EL SUR DE BORGES

Borges ajudou a reinventar o gaúcho como mitologia universal. Pode-se dizer que o gaúcho é uma invenção recente do tradicionalismo [folclore] e da literatura. Uma reconstrução universalizada pelo argentino Borges vendo matar um homem em Livramento. Botelho tem certeza de que ele também andou por Bagé (Da Silva, 2012).

O conto *El Sur*, do argentino Jorge Luis Borges⁵, relata a viagem de Juan Dahlmann à estância familiar, para convalescer após um acidente na biblioteca onde trabalha. O Sul, marcado pela cultura pampeana argentina, suas guerras regionais e de independência, conflitos com indígenas pela posse da terra, é pano de fundo para o conto citado e muitas das obras de Borges. O autor também “rende homenagem à literatura pregressa de seu país em contos em que se apropria do mitológico Martín Fierro” (Calles, 2008, p.3). Ávido leitor, de enciclopédias [com as quais teve contato desde a infância, em sua casa havia enorme quantidade delas] aos clássicos, suas referências foram múltiplas: Cervantes, Kafka, Faulkner e Virginia Woolf, a poesia gauchesca, a amizade com Casares e Silvina Ocampo, as histórias fantasiosas de Sherazade em *As Mil e Uma Noites*, a mitologia da Odisseia (Sarlo, 2008). Seus contos brincam com o duplo. A realidade aparece multifacetada em labirintos e espelhos. O autor cria personagens tipicamente regionais

⁵Jorge Luis Borges nasceu em Buenos Aires [Argentina], em 1899 e morreu em 1986 em Genebra [Suíça], onde está sepultado. Sua mãe era uruguaia e seu pai, descendente de espanhóis, portugueses e ingleses. Sua família participou (e, ao que tudo indica, guardava orgulho disso) dos *‘asentamientos’* na América do Sul e das guerras de independência da Argentina. Borges começou a escrever contos e poemas ainda menino, tendo traduzido um conto de Oscar Wilde aos nove anos. Trabalhou como diretor da Biblioteca Nacional de la República Argentina. Foi palestrante internacional e professor universitário (Calles, 2008, p.2-3).

e os coloca para viver em realidades paralelas. Os temas filosóficos se misturam à mitologia e teologia. Inventa citações em ‘falsos’ ensaios.

Algumas palavras para entender o contexto no qual *El Sur* foi escrito: nas primeiras décadas do século XX, Buenos Aires havia crescido de maneira espetacular. Mais de 36% da população da capital portenha era formada por novos imigrantes europeus. A cidade [‘civilização’] parecia finalmente superar o mundo rural [‘barbárie’]. Mas, por trás dos avanços tecnológicos, do aumento populacional, da urbanização, do uso da eletricidade inclusive no transporte, da telefonia e de uma revolução nas comunicações representada pelo rádio, pairavam os fantasmas do Pampa: seus personagens, o genocídio indígena e o eterno conflito em torno da origem. As fronteiras entre o urbano e o rural ainda eram tênues. O campo circundava a cidade cosmopolita e era por ela invadido e ‘vencido’. É a esta nova Buenos Aires a que Borges retorna, depois de passar alguns anos estudando na Europa. Conforme afirmam Hobsbawm e Ranger (1984), uma tradição é inventada quando ocorre uma transformação rápida da sociedade e velhas tradições ficam debilitadas, surgindo novos padrões incompatíveis com aquelas; também, segundo os mesmos autores, quando as velhas tradições “dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas” (p. 12).

En la Argentina, la relación con el pasado tiene su forma específica en la recuperación imaginaria de una cultura que se piensa amenazada por la inmigración y la urbanización. En el caso de Borges y de otros vanguardistas porteños se observa claramente el movimiento para otorgarle al pasado una nueva función. Y el debate comienza sobre el significado del pasado: hay que hacer una nueva lectura de la tradición. Borges avanza: hay que retomarla y pervertirla (Sarlo, 1995, p. 16).

Sobre *El Sur*, o próprio Borges⁶ (1975) afirma que é possível ler o conto como uma “narrativa direta de feitos novelescos”, mas “também de outra maneira” (p. 108). Há correspondência, simetrias e analogismos entre o acidente e a estada no hospital com a viagem, o que leva a crer que ela seja apenas um sonho de Juan Dahlmann em seu leito de morte ou depois de sua morte de como quisera ter morrido. Como nos coloca Jayme Alazraki (1977), talvez o conto seja autobiográfico. Borges teve antepassados europeus e ‘crioulos’, como o personagem Dahlmann. Ele expressa em seus textos admiração pelos antepassados militares. “Recluído em uma sedentaria biblioteca, Borges se ha dejado vencer, em más de una ocasión, por la nostalgia hacia un universo épico” (p. 112). Alazraki lembra ainda uma citação de Borges, na qual o mesmo afirma que desde Dostoievsky, ou antes, com Byron, a literatura tem se preocupado excessivamente com as culpas e, portanto, atribui ao autor um desejo de recriar a figura do herói (p. 112).

Quanto aos feitos novelescos, Dahlmann vive em Buenos Aires, como secretário de biblioteca. É neto do lado paterno de um pastor evangélico e, do materno, de Francisco Flores que teria morrido na ponta de uma lança indígena. Há empatia entre o personagem e seu avô materno, embora ele viva segundo os ditames dos Dahlmann. Mantém uma estância herdada dos Flores, mas “verão após verão” adia visitá-la. A dualidade do personagem pode ser entendida como uma metáfora à formação da Argentina. Ao receber um raro exemplar de *As Mil e uma Noites* e caminhando ao folheá-lo, Dahlmann choca-se no tampo de uma janela aberta. O ‘homem de

⁶ O conto *El Sur* foi escrito em 1939. Em 1938, Borges sofreu um acidente semelhante ao relatado no conto, na biblioteca onde era diretor, e sua biografia quase coincide com a do personagem Juan Dahlmann. Também ele esteve internado entre a vida e a morte, como o personagem.

letras', do 'Norte', experimenta emoções através dos livros e acaba por fechar os olhos à realidade que o circunda, ao ponto de sequer perceber um tampo da janela aberto. O que diria ao neto o avô com sangue indígena, cuja vida adquire sentido no campo de batalha e é morto por uma flecha? Desde o acidente, Dahlmann se consumiu em febre, viveu “oito dias como se fossem oito séculos”, para depois levarem-no a um sanatório. E ali também foi submetido a “humilhações”. Ele “odiou sua identidade” até que, certo dia, o médico lhe disse que poderia “convalescer na estância” (Borges, 1975, p. 176 e 177).

Um táxi o leva à estação. No trem, se acomoda com *As Mil e uma Noites* em mãos, mas não consegue ler, prefere as maravilhas da “manhã e o fato de existir”. A paisagem se confunde como “sonhos de planície”. “Tudo era vasto, mas ao mesmo tempo íntimo(...) Dahlmann suspeitou que viajava ao passado, e não apenas ao Sul” (Borges, 1975, p. 179). A viagem é interrompida ao entardecer, pois o trem ficaria numa estação anterior a que ele desembarcaria. Dahlmann entra em um *bolicho*, que “alguma vez havia sido escarlate”. À espera do jantar, repara na figura de um gaúcho, “imóvel como uma coisa”, “estava como fora do tempo, numa eternidade”. Enquanto ele janta, da outra mesa, um peão lhe joga uma bolinha de pão. Ele resolve sair, mas o dono do *bolicho* o chama pelo nome e pede que não se importe. O fato de o *bolicheiro* tê-lo reconhecido, “obriga-o” a reagir, afinal ele está a caminho do Sul. O *bolicheiro* ainda tenta dizer que está desarmado, mas o gaúcho lhe alcança uma adaga. É o gaúcho - o personagem principal na narrativa mitológica da origem - quem alcança a faca que Dahlmann não sabe manusear. Ele sai para o duelo na certeza de estar indo ao encontro da morte. Mas “sentiu que se ele tivesse podido escolher ou sonhar sua morte, esta era a morte que teria escolhido ou sonhado” (Borges, 1975, p. 183).

Serralta (2009)⁷ relata uma experiência que Borges teria vivenciado ao acaso, numa visita também casual ao Rio Grande do Sul. Em 1934, “em Sant'Ana⁸, Borges viveu uma experiência nova e estranha e, sem dúvida, marcante – aqui ele assistiu pela primeira vez à morte de um homem em um café, com dois tiros, à queima-roupa”, fato que o marcou profundamente, como cita em inúmeras entrevistas. Conforme a autora, Borges estava, na época em que viajou até a fronteira Rivera, Uruguai, e Livramento, Brasil, passando uma temporada de verão na casa de uma prima, Esther Haedo, na cidade de Salto, no Uruguai, casada com o escritor uruguaio Enrique Amorim. De Salto, na companhia de Amorim, Borges foi até a estância do anfitrião, localizada no município de Tacuarembó, e dali ultrapassaram a fronteira, chegando a Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil.

Além do assassinato, durante a estada, segundo Vázquez (1996), Borges viveu outras experiências inéditas, oferecidas pelos gaúchos: “violência cotidiana, um agressivo primitivismo anacrônico, que se advertia como disse o escritor: 'nas cercas de pedra, no gado de chifres longos, nos adornos de prata para os cavalos, nos gaúchos barbudos; os palanques, os avestruzes, tudo era tão primitivo, inclusive tão bárbaro, que a viagem se converteu mais numa viagem ao passado do que numa viagem através do espaço” (p. 132-133). Essas viagens ao Uruguai e aos campos se repetiram algumas vezes. Impressionava Borges, ainda, os limites impostos pelas fronteiras e a invisibilidade delas. A cena do assassinato por um motivo banal, no bar em Santana do Livramento, está presente no conto *El Sur*. Terá o autor argentino

⁷ - Disponível em: www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=903.

⁸ - Santana do Livramento-RS, Brasil, faz divisa com Rivera, Uruguai.

reconhecido seus antepassados nativos nas figuras de carne e osso que encontrava nesses passeios? As histórias contadas com orgulho pela família acerca do passado teriam algum sentido depois do que assistiu? Como reconhecer a própria história na cena de uma violência exacerbada e sem motivo?

Conforme Miotto (2010), Borges “cria representações paisagísticas que manifestam a cultura de um lugar [...]. As paisagens construídas pelo escritor reforçam ideias, costumes, símbolos de uma determinada sociedade” (p.1). Dahlmann atravessa a fronteira, deixa o individualismo e adentra numa memória que não é apenas sua, é uma memória social: o Sul. Não é apenas Dahlmann quem vive o conflito entre o Norte e o Sul, é todo argentino. Quando Dahlmann vai ao Sul [mesmo que em sonho], aceita a herança cultural que representa também seu conflito. Uma herança que toma forma na paisagem [campos, estações e *vendas* quase abandonadas] e nos personagens *gauchos* (Sarlo, 1995). Na viagem ao Sul, Dahlmann recupera o passado por ele sonhado, mas, ao que tudo indica, a própria viagem não passa de um sonho.

Muito embora o cenário do conto seja os arredores da Buenos Aires, onde Dahlmann reside e trabalha e El Sur, o Pampa argentino, conforme Aseff (2006), “é inegável que a idéia de Sur faz metáfora dos dilemas culturais de toda uma região” (p.176). Mais adiante, a autora afirma: “El Sur habita almas para além das fronteiras argentinas. Entendendo como gaúchos os habitantes rurais e urbanos de parte do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, esta é uma identidade que extrapola o território argentino” (p. 176). El Sur é o espaço mítico-imaginário que abrigaria homens livres e corajosos que, como o avô Flores, não tem medo da morte e canalizam suas energias nas guerras sem as barreiras da civilização (Aseff, 2006). Borges ajudou a construir com El Sur parte de um espaço “mítico que hoje abriga o arsenal imaginário dos gaúchos” (p. 176).

O duplo é uma referência constante na obra de Borges. Mesmo na narrativa linear, Dahlmann possui duas vidas. Uma, real: é bibliotecário, homem urbano na Buenos Aires cosmopolita das primeiras décadas do século XX. Outra, vivenciada apenas na nostalgia e mantida através de objetos em sua casa a relembra-lo constantemente de sua identidade: um daguerreótipo antigo, uma velha espada, certas músicas, o hábito de declamar estrofes do Martín Fierro. Não fossem os objetos e essa identidade seria esquecida? Pode-se dizer que há, aqui, uma *tradição inventada*. “Um gauchismo, porém, nunca ostensivo” (Borges, 1975, p. 176). O bibliotecário se esforça por conservar a estância no Sul, herança de seus antepassados, mas nunca a visita. Apenas a certeza de que a casa desbotada o esperava no pampa, alegrava-o.

Se são duplas as linhagens que definem Dahlmann - uma crioula, o avô que morreu em batalha; outra europeia, religiosa - também é dupla sua vida. Ele mantém uma identidade secreta, mas nunca a assume de forma efetiva. Dahlmann vai à estância para convalescer, fugindo do sofrimento causado pela doença. É a perspectiva da morte que faz com que ele reverencie a identidade negada durante toda sua vida e torne urgente resgatá-la. Entretanto, se Dahlmann foge da morte, ao sair do hospital, em sua viagem de busca pelo idealizado Sul, encontra-a. O encontro com o Sul verdadeiro: ‘bárbaro e primitivo’, com os gaúchos que tão bem sabem manusear uma faca, faz morrer o mito. No lugar do sentimento de identidade, há o estranhamento. O Dahlmann das letras já não pertence àquele mundo.

O SIMBÓLICO, O IMAGINÁRIO E O SOCIAL-HISTÓRICO

O Pampa é o *lugar de memória* de Dahlmann, o Sul onde ele se identifica com um passado talvez nunca vivido, mas escolhido como ‘o passado’. O Pampa é eterno porque sua existência se molda somente na memória. E como diz Pierre Nora (1993), “se habitássemos nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares” (p. 8-9). O homem com a ‘doença do norte’ – urbanização e crescimento industrial – que já perdeu sua individualidade, que já não vive no tempo da tradição do Sul, precisa rememorar os feitos heróicos, saber da existência do passado grandioso de homens ‘livres que não temem a morte’ – é aquele que necessita de objetos e lugares que lhe deem a certeza de seu pertencimento.

O mesmo vale para os habitantes do Rio Grande do Sul que, na elaboração de sua regionalidade, denominam-se gaúchos. A expressão *lugares da memória* foi tecida por Pierre Nora (1993). Para o autor, há uma brusca aceleração da história a partir da II Guerra, quando aquilo que acaba de surgir já se torna velho, de tal forma que a memória se apresenta fragmentada. Numa sociedade que só subsiste a partir do novo, há uma ruptura radical com o passado. E, ao mesmo tempo, a possibilidade de construção de uma visão da História como totalidade se mostrou falha. Assim, diante da falência da História, a memória tende a cumprir o papel que o mito exerce nas sociedades tradicionais: fundamenta e organiza, conduzindo ao tempo dos ancestrais. Diante do desaparecimento de referenciais para a memória, se faz necessária, conforme Nora, a criação de *lugares de memória*, espaços dotados de uma aura simbólica que deem à sociedade a certeza de um passado e de uma identidade.

A elaboração que cada sociedade faz de ideias/imagens de representação coletiva é um processo histórico. É através do imaginário social, que uma sociedade define e atribui significados aos seus símbolos. Para Castoriadis (1982), o imaginário pode ser uma “invenção absoluta” (p. 154) ou um deslocamento de significados, onde “símbolos já disponíveis são investidos de outras significações” (p. 154). As “representações do mundo social — ou as traduções imaginárias da sociedade — são também partes constituintes do real” (Pesavento, 1993, p. 383). Se o imaginário surge a partir da realidade, discursos e imagens podem ser geradores de novas práticas sociais. Da mesma forma, o indivíduo é um produto social; através de sua capacidade imaginária, produz o social (Castoriadis, 1982). A construção imaginária da sociedade está vinculada à memória.

Para Le Goff (2003), a memória seria a propriedade de conservar certas informações, através de um conjunto de funções psíquicas, pelas quais se atualizam impressões ou informações passadas. Ela tanto pode significar o fortalecimento de uma comunidade ou a autoafirmação de sujeitos em torno da ideia de pertencimento a determinados grupos sociais. Existir socialmente é ser reconhecido como distinto. Segundo Hobsbawm e Ranger (1984), as ideias de nação e região se constroem a partir de símbolos e a crença de um passado e história em comum. A tradição torna iguais os diferentes, acalma os contrastes e antagonismos entre grupos sociais e faz da história a legitimadora do presente, cimentando a coesão grupal. Pesavento (1993) afirma: “Palavras e coisas [ou discursos e imagens] devem ser desejáveis, responder a necessidades sociais e psicológicas, prometer algo, enunciar um horizonte, passado ou futuro, com uma conotação valorativa orientada pela positividade” (p. 384). O simbólico precisa ecoar, portanto, nos sujeitos histórico-sociais. É preciso que todos assumam como seus os símbolos. Pesavento (1993, p. 392), citando Charle (1980,), afirma que “a evocação de imagem de um modo

de vida antigo – ‘tradicional’ – dá-se associada a uma positividade que opera como ‘atenuante’ das condições concretas da vida” (p.5). O antigo é melhor do que o presente. Acontece uma “representação do real – mais colorida, viva, envolvente, gratificante” (Pesavento, 1993, p.394).

“A criação de uma identidade própria de representação social envolve o resgate de uma história oficial, de um passado comum e de um mito das origens” (Pesavento, 1993, p. 385). No caso do Rio Grande do Sul, conforme a autora, a origem confunde-se com a formação da fronteira Sul do País, em combates entre ‘homens rudes e bravos’. Aqueles para os quais ‘não há desonra maior do que morrer acamado’, que possuem a ‘coragem como principal virtude’ (Pesavento, 1993, p. 288). A articulação personagem/paisagem está presente no imaginário gaúcho e perpassa El Sur, como o próprio título indica. O gaúcho é um homem do Pampa. Dahlmann é um homem dividido entre duas linhagens, que carrega consigo o conflito argentino: uma sociedade que se envergonha da cultura ‘nativa’, mas precisa fazer releituras da mesma. A paisagem atua sobre o personagem. O Pampa exerce sobre Dahlmann um efeito desagregador, estabelece sua identidade e o conduz à morte.

O patrimônio cultural é o “lócus privilegiado onde memórias e identidades adquirem materialidade” (Pelegrini, 2007, p.1). Bens culturais são preservados devido às relações estabelecidas entre esses e a memória e a identidade. Pode-se afirmar, portanto, que o patrimônio é constituído de bens portadores de significado, símbolos históricos e representantes de determinada cultura. Estes bens podem ser quaisquer elementos existentes na natureza, o que caracteriza o patrimônio natural; ou os bens produzidos pela ação humana, ampliando a noção para a de patrimônio cultural, não estando mais restrito a objetos, construções e monumentos, mas também a expressões e bens imateriais (Pelegrini, 2007, p 9-10).

Entretanto, na construção do que venha a ser considerado como patrimônio, é preciso levar em conta não apenas a relação com a História e o Passado, mas também a relação presente da sociedade com o objeto, bem ou costume, a ser preservado. Ricoeur (2003), abordando relações entre memória, história e esquecimento, afirma que apesar da impossibilidade de tudo narrar, temos o “dever de não esquecer” (p.7). A História precisa ser “defendida contra formas de relativismo que privariam a historiografia da sua ambição primeira: a de oferecer uma representação fiável do passado” (p. 5). A memória deve ser instruída pela História. “Sem essa ambição de verdade do saber histórico, a história não teria o seu papel no confronto com a memória” (p. 5). Nesse confronto, é preciso que se leve em conta as diferenças entre os diversos sujeitos coletivos para que todos se tornem responsáveis e haja equilíbrio entre conservação e criação. O “trabalho de memória” exige sempre o assumir o próprio lugar e lugar do outro (p. 6).

Por outro lado, a referência ao patrimônio nos remete a formas de protegê-lo. O tombamento ou registro não é garantia de preservação. Como alternativa para preservar o patrimônio de uma comunidade está a de obter retorno financeiro com o bem em questão, entre outros, através da atividade turística. Se o patrimônio se torna fonte de renda, isso é bom para a comunidade, proprietário, município e demais entes que usufruem dos benefícios da preservação (Rodhen, 2001). A inserção de localidades no circuito do turismo cultural oferece possibilidades de revitalização do acervo arquitetônico e cultural “através da valoração e da potenciação de

determinados elementos e atributos constitutivos do patrimônio cultural local” (Carvalho, 2009, p. 30).

O SUL NO ROTEIRO TURÍSTICO RURAL DE BAGÉ-RS

O Rio Grande do Sul é o único estado do Brasil com presença do bioma Pampa. E a divisão Norte e Sul é intensa. O Norte [mata Atlântica] - urbanizado e industrializado – foi ocupado através de projetos de colonização, a partir do século XIX, por imigrantes europeus. A região Sul [Pampa] ocupa uma extensão de 154.000 km², possui uma população de cerca de 2,5 milhões de habitantes e apresenta como características a concentração de terras com predomínio da pecuária, centros urbanos esparsos, reduzida densidade populacional.

Bagé⁹ é um município da Microrregião da Campanha Meridional, na Mesorregião do Sudoeste Rio-Grandense, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Possui uma área de 4095,5km². Está a uma altitude de 212m. Limita-se com Lavras do Sul, Caçapava do Sul, Aceguá, Hulha Negra, Candiota, Dom Pedrito e a República Oriental do Uruguai. O clima é temperado. As estações bem definidas. As frentes frias são constantes. Precipitações anuais variam entre 1250 a 1500mm. Na paisagem, predomina a planície e a coxilha. De acordo com dados da Fundação de Economia e Estatística (consultado em 15.08.2015), o município possui 117.597 habitantes. Tem uma taxa de urbanização de 83,70%. A densidade demográfica é de 28,7 habitantes/km². Trata-se de um município pólo por sua relevância econômica, histórica e cultural. É um centro universitário, abrigando quatro universidades e um instituto federal de educação. Pela localização geográfica, teve fundamental importância na defesa e demarcação das fronteiras. Tendo surgido como acampamento militar, a presença do Exército ainda é marcante, com quatro quartéis e um hospital militar na cidade. Com mais de duzentos anos de história, o município ainda exerce liderança política na região.

O surgimento da cidade está atrelado à forma como se definiram as relações fronteiriças do Brasil com os países vizinhos. Seus campos foram ocupados por índios Charrua e disputados por portugueses e espanhóis, sendo cenário de batalhas pela demarcação de fronteiras, conquista do território, e por embates políticos. Quando, em 1752, portugueses e espanhóis se apresentaram para demarcar as fronteiras determinadas pelo Tratado de Madri, pelo qual os portugueses abriam mão da Colônia de Sacramento em troca de terras do atual Rio Grande do Sul, Sepé Tiaraju comandou uma revolta liderando cerca de 600 índios Charrua, que viviam em Missão de Jesuítas espanhóis. Em 1773, o governador de Buenos Aires invade o território para expulsar os portugueses e funda o Forte de Santa Tecla [cujas ruínas são um dos pontos turísticos do atual roteiro]. O forte é arrasado pelos portugueses, reconstruído pelos espanhóis e novamente arrasado.

No início do século XIX, o território passa ao domínio definitivo português. Porém, quando da independência das colônias da Espanha nas Américas (1810), há o temor de novos conflitos fronteiriços e o governador do Rio Grande do Sul, Dom Diogo de Souza, ordena uma concentração do exército português na fronteira. Desse acampamento militar teria surgido a cidade. Para defender o território, diante das intermináveis disputas com os espanhóis, a Coroa Portuguesa concedeu sesmarias na região de fronteira, permitindo, ao contrário do que ocorria

⁹ Disponível em www.bage.rs.gov.br, acesso em 7 OUT 2015.

no Nordeste e Sudeste brasileiros, que os senhores de terra tivessem poder de mando e de armas. As camadas dominantes, com poder político local e de armas, mas sem ter acesso ao poder central, ao ver seus interesses contrariados, insurgiam-se ou entravam em conflito, como na Revolução Farroupilha e na Revolução Federalista, a segunda marcada por combates sangrentos, cuja principal marca foi a degola. A Revolução Farroupilha (1835-1845) integra a série de revoltas brasileiras durante o período regencial. Embora os ideais republicanos trazidos pelo grupo ligado a Garibaldi [italianos que participarão das lutas pela implantação da república no Rio Grande do Sul como modelo que poderia servir para a Itália], a inserção de negros nas lutas com a promessa de liberdade; o grande motor da revolta foi o baixo preço do charque¹⁰ (Pesavento, 1990). O acordo da paz, assinado em Ponche Verde, garantiu sobretaxas ao charque platino, mas manteve a escravidão e os negros que haviam lutado ao lado dos farroupilhas são massacrados na Batalha de Porongos. Bagé foi palco de vários confrontos da Revolução Farroupilha, como a Batalha do Seival (1836), quando os farroupilhas derrotaram os imperiais e proclamaram a República Rio-Grandense.

No final do século XIX, com a Proclamação da República Federativa do Brasil e o surgimento dos conflitos entre o grupo de republicanos que governavam o estado e os federalistas, a favor da descentralização do poder, Bagé foi um dos centros irradiadores da Revolução de 1893. O município testemunhou o Cerco do Rio Negro e o Sítio de Bagé. No Rio Negro, houve a degola promovida por Adão Latorre, cujo túmulo integra o roteiro. Sendo a defesa das fronteiras um dos motivos que levou a Coroa a povoar o Estado, e as guerras pela demarcação constantes, haverá a formação de camadas senhoriais ligadas ao poder militar. Veremos esses militares em outras guerras estabelecidas pelo Brasil com os países vizinhos. Para a guerra do Paraguai, por exemplo, o Rio Grande do Sul mobilizou mais de 33 mil homens [o primeiro contingente entre os estados], entre eles, Chico Diabo que feriu, matando, Solano Lopez, presidente do Paraguai. O túmulo de Chico Diabo integra o roteiro.

No Brasil colonial e durante o Império, a grande propriedade fez uso da mão-de-obra escrava e não foi diferente em Bagé. A escravidão não foi mais branda no Rio Grande do Sul do que no restante do país, apesar da participação dos escravos nas *peleias* e do trabalho na pecuária extensiva, que permitia certa liberdade de deslocamento. Em Bagé, a prova do rigor da escravidão e das lutas pela liberdade é o Rincão do Inferno [presente no roteiro por suas belezas naturais] e que integra o Quilombo de Palmas.

O roteiro turístico rural indicado na *fanpage*¹¹ da Prefeitura Municipal de Bagé é assim constituído: Chácara das Roseiras - Pousada Campeira, Parque do Gaúcho, Centro Histórico da Vila de Santa Thereza, Sítio Querência, Vinícola Peruzzo, Ruínas do Forte de Santa Tecla, Cemitério dos Anjos - Túmulo de Adão Latorre, Cemitério da Guarda - Túmulo do Chico Diabo, Campos Neutrais, Chácara Santa Rita, Camping Modelo, Estância do Limoeiro, Galpão de Pedra e Rincão do Inferno.

¹⁰Produto obtido através da desossa da carne bovina, cortada em mantas que são salgadas e empilhadas em galpões. Mudam-se as mantas de posição para que a carne se desidrate. Após a desidratação, a carne é lavada para retirada do sal e a seguir exposta ao sol até secar. Assim sua durabilidade aumenta e pode ser comercializada. Foi o charque que permitiu a inserção econômica do Rio Grande do Sul ao Brasil.

¹¹ Consulta em 16 AGO 2015.

Ruínas do Forte de Santa Tecla - As ruínas permanecem como prova dos conflitos fronteiriços que marcaram o século XVIII no extremo sul do continente. Como tal, os vestígios das fundações de pedras foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional¹². Os conflitos militares entre espanhóis e portugueses pela posse do território ao sul perpassam todo século XVIII, apesar dos inúmeros tratados de fronteiras firmados no período. Portugal tentava quebrar o monopólio espanhol na Bacia do Prata. Para tal, mantinha Sacramento como um entreposto de contrabando e, para ampliar seus domínios, precisava ocupar o território ao sul de Laguna (Pesavento, 1990). No local, só existem vestígios do que foi o Forte de Santa Tecla, mas podem ser realizadas visitas e a Prefeitura de Bagé iniciou tratativas, em julho de 2016, com o governo federal para revitalização do espaço¹³.

Estância do Limoeiro - A Estância do Limoeiro se destaca pela criação de cavalos crioulos e desenvolve atividades de turismo rural/pedagógico desde 1999. O acervo da família compreende objetos de uso pessoal, um diário da Revolução Federalista de 1894 a 1896, mobiliário original, fotos. A história de Bagé iniciou com um acampamento do Exército. Ainda na década de 1890, mantinha-se como cidade militar e foi cenário irradiador da Revolução Federalista. Em 1892, foi fundado no município, em torno da liderança de Gaspar Silveira Martins, o Partido Federalista Brasileiro que unia outras figuras da campanha gaúcha, entre elas, o general Joca Tavares, proprietário da Estância do Limoeiro. Quando Julio de Castilhos, candidato do PRR, proclamou-se presidente do Estado em Porto Alegre, Joca Tavares no mesmo dia o fez em Bagé. Como episódios marcantes da Revolução de 1893, a estância sofreu “a invasão e o incêndio no ano de 1894 por tropas republicanas do Coronel Pedroso”. A partir do episódio, a “fazenda foi hipotecada e depois retomada por Zeca Tavares, irmão de Joca” (Ribeiro, Souto & Santos, 2012, p. 271). A Estância está na sétima geração de proprietários. Nela, são preservados materiais de pesquisa, com dois museus organizados. Mantém parreiras, forno antigo, algibe, objetos de ferro antigos, mobiliário e objetos do século XIX. As atividades de turismo ofertadas são de caráter pedagógico, com visitas guiadas e explanação sobre a história, a fauna e a flora.

Cemitério dos Anjos - Túmulo de Adão Latorre - A Revolução Federalista (1893-95) marcou o Rio Grande do Sul com sangrentos combates. Dois episódios marcantes dessa Revolução foram o massacre do Rio Negro, onde foram executados prisioneiros republicanos pela degola e a revanche do Boi Preto. No primeiro, o principal personagem foi o Tenente Coronel Adão Latorre, capataz do general federalista Joca Tavares, a quem foram atribuídas as degolas (Barbosa-Lessa, 1978). Apesar de constar no roteiro de turismo rural do município e de sua relevância enquanto patrimônio histórico, o Cemitério dos Anjos – onde está localizado o túmulo de Adão Latorre – não é conservado pelo município, estando abandonado, com mato e sem referências que rememorem os fatos protagonizados por Latorre. Localizado em área particular, é preciso solicitar licença para a visita aos proprietários, a não ser no dia de Finados (Falcão, 2010).

Cemitério da Guarda - Túmulo do Chico Diabo - Chico Diabo, apelido do cabo Francisco Lacerda, foi quem com um golpe de lança atingiu Solano Lopez (presidente do Paraguai), ferindo-o durante cerco em Cerro Corá, próximo à atual cidade de Ponta Porã. A morte de Solano Lopez

¹² Ver <http://www.bage.rs.gov.br/>

¹³ Disponível em: <http://www.jornalfolhadossul.com.br/noticia/2016/08/25/revitalizacao-do-forte-de-santa-tecla-deve-abranger-areas-de-pesquisa-e-turismo>.

representou o fim da Guerra do Paraguai, em março de 1870, depois de cinco anos de batalhas. Para o Brasil, a Guerra do Paraguai, apesar de vencida pelo Império, é uma das causas da derrocada da monarquia e do fim da escravidão. O Exército brasileiro que combateu ao lado de exércitos de países republicanos e com economias baseadas no trabalho assalariado, traz de volta ao país esses ideais. A República será proclamada, de forma autoritária, através de um golpe militar, em 1889, logo após a abolição em 1888. O Cemitério da Guarda (onde está o túmulo de Chico Diabo) localiza-se um pouco adiante do Cemitério dos Anjos no caminho para o Forte de Santa Tecla. Recebe cuidados regulares e pode ser visitado.

Rincão do Inferno – Trata-se de uma das quatro regiões que compõem o quilombo das Palmas, formado também pelo Rincão do Alves, Rincão da Pedreira e Campo de Ourique, pertencente ao quinto distrito de Bagé. A comunidade quilombola de Palmas se constitui por cerca de quarenta famílias “fortemente articuladas através de relações de parentesco e pela manutenção secular de trocas simbólicas, desde o período pós-abolição” (Lobo & Bertussi, 2010, p. 207). As famílias são descendentes de “escravos alforriados ou negros libertos provenientes de estâncias das regiões próximas de Bagé” (p. 208). A ocupação se deu em ‘áreas desvalorizadas’ e houve casos de ocupação por aquisição da terra. O local pode ser visitado, mas com agendamento e acompanhado por um condutor. Conta com trilha, passeio, almoço e café campeiro¹⁴.

ANÁLISE

No conto *El Sur*, de Jorge Luis Borges, Juan Dahlmann vive um conflito, entre outros, a partir das linhagens que o definiram: a europeia, marcada pela religiosidade do avô pastor evangélico, e a crioula, nativa. O conflito da personagem pode ser entendido como uma metáfora à sociedade argentina de meados do século XX, que tentava encontrar o caminho da ‘civilização’ e, para isso, precisava recusar seu passado ‘bárbaro’, resgatando-o apenas na forma idealizada (Alazraki, 1977). Na viagem rumo à estância familiar, mesmo que talvez realizada apenas em sonho, Dahlmann reencontra a identidade perdida no sonhado *El Sur*, terra de seus antepassados e de ‘heróis’ mortos em batalha e não em um leito de hospital. Na viagem, encontra a morte ‘desejada’. É conflituosa, portanto, a relação de Dahlmann com o Pampa, se o mantém como lembrança permanente nos objetos presentes em sua casa, nos versos de *Martin Fierro* e certas músicas, nega-o em sua vida urbana e dedicada aos livros e marcada pelo adiamento da visita à estância, só encontrada na morte. No conto, a paisagem é fundadora do personagem que, segundo o autor, se sentia profundamente argentino.

Durante toda sua vida, ao não visitar a estância, Juan Dahlmann nega o passado e o se reconhecer nele. O passado só retorna de forma idealizada, alegrando-o a certeza de que a casa rosa o aguardava. Deparando-se com o sofrimento imposto pela doença e a proximidade da morte, o passado retorna com força e Dahlmann sai em busca do herói perdido. Na viagem onírica, leva em mãos o livro que o levou ao acidente: *As Mil e uma Noites*, no qual a personagem Sherazade dribla a morte, contando histórias. Da mesma forma, Dahlmann quer driblar a morte, narrando memórias de um passado heroico e grandioso, mas a viagem o leva a morte, de fato, sonhada: sem sofrimento, com valentia, de pé.

¹⁴ - Consultado em: www.jornalminuano.com.br/VisualizarNoticia/22403/rincao-do-inferno-podera-ser-visitado-somente-atraves-de-agendamentos.aspx.

Ao contrário do personagem que criou, Jorge Luis Borges visita seu passado quando de uma estada em estância no Pampa, na fronteira do Uruguai com o Brasil. Ali mantém contato com os *gauchos* / gaúchos e seu 'mundo primitivo e bárbaro', onde o sobreviver exige mais destreza com facas do que com palavras. Da mesma forma que Juan Dahlmann é morto pelo que ama; o Sul, enquanto paisagem bucólica, presente no róseo dos objetos e das histórias contadas na casa da família - o território de heróis - morre, quando é efetivamente visitado. O que surge no lugar do sentimento de identidade é o de estranhamento.

Talvez seja este o mesmo sentimento de estranheza a ocorrer ao visitante do roteiro de turismo rural do município de Bagé. Os bens materiais ali existentes registram verdades ainda difíceis de serem [re]visitadas. Superar a visão mitificada é função da história; por mais triste, violento e perverso que seja o passado. Contá-lo e recontá-lo faz parte de um trabalho de memória que completa o trabalho de luto, permitindo a aceitação e então, sim, o sentimento de identidade e o respeito à diferença (Ricoeur, 2003). Preservar o patrimônio histórico possibilita que diversas leituras sejam feitas. Bagé possui 800 prédios considerados de importância histórica, cultural e social e apenas vinte são tombados. No próprio roteiro turístico, há dificuldades com bens culturais relevantes abandonados e sem estrutura de conservação e visita, como é o caso do Forte de Santa Tecla e o cemitério dos Anjos onde está o túmulo de Adão Latorre.

É preciso fugir do ufanismo e tentar se aproximar o máximo possível de outras leituras da História, estabelecer entre os pontos turísticos do roteiro uma história em comum. Para além da tradição inventada pelo regionalismo, das botas, bombachas, prendas e chimarrão, não há como deixar de lado a escravidão, as degolas, os massacres. A revolução de 1893, ao contrário das reiteradas comemorações cívicas em torno da Revolução Farroupilha, foi relegada ao apagamento. Chico Diabo e Adão Latorre são 'heróis' esquecidos. Lembrá-los como também parte do passado regional, talvez seja a grande contribuição do turismo ao 'verdadeiro sul'.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Rio Grande do Sul, o Pampa e o gaúcho estão no imaginário social/histórico como 'local de origem', como mito fundador, principalmente através do movimento tradicionalista, que os idealiza. Gaúchos compartilham costumes e rituais como o chimarrão, trajes típicos, música e churrasco. O Pampa, entretanto, que surge a partir da história dos pontos turísticos do roteiro de turismo rural do município de Bagé, é um território complexo, de conflitos no passado e no presente.

A história do Rio Grande do Sul é, em parte, retratada no roteiro. Não apenas a Revolução Farroupilha, comemorada anualmente, mas também a Revolução Federalista com suas marcas deixadas na Estância do Limoeiro ou no túmulo de Adão Latorre; a Guerra do Paraguai rememorada no túmulo de Chico Diabo; a existência de trabalho escravo no Rio Grande do Sul, luta pela abolição no quilombo Rincão do Inferno; a grande propriedade como ocupação da terra e o charque como atividade que funda a economia rio-grandense, no Centro Histórico Vila Santa Thereza; as lutas para traçar as fronteiras entre o Brasil e vizinhos, registradas nas Ruínas do Forte de Santa Tecla. E possíveis alternativas para a recorrente estagnação econômica da parte Sul, agora com investimentos na vitivinicultura, na Vinícola Peruzzo e no próprio turismo rural, com fazendas abrindo as porteiras para receber visitantes e contar suas histórias.

Bagé possui uma grande riqueza de bens culturais, diversificados e simbólicos, representativos para a história regional e nacional. O turismo rural pode ser uma alternativa de preservação desse importante patrimônio histórico, para que a sociedade 'gaúcha' que tanto se orgulha de suas tradições, possa rever constantemente seu passado, num permanente trabalho de memória. Não basta avaliar a história somente nos aspectos positivos, mas também contá-la e recontá-la, para que se possa superar a vergonha de fatos e culpas do passado. Para compreender o acontecido e nos reconciliarmos com ele, precisamos descobrir o que está oculto por trás da simbologia. O Sul não é apenas passado, não é uma paisagem idílica e bucólica, antes continua a ser uma realidade em construção.

Diante da escassez de recursos públicos para investir no tombamento e restauração de bens culturais, o turismo rural pode tornar possível a preservação com lucros simbólicos e econômicos para todos. Uma vez que a destruição é irreversível, dar novos usos para velhos recursos, através da atividade turística pode ser uma alternativa de conservação do patrimônio histórico. Saliente-se que, paralelo à atividade turística são realizados em alguns equipamentos atividades de educação patrimonial, conscientizando a comunidade sobre a história da propriedade como é o caso da Estância do Limoeiro.

O valor do patrimônio cultural exige a verdade que os bens materiais e imateriais trazem consigo, sejam acontecimentos positivos ou aqueles vistos como negativos. É através da repetição que é possível realizar um "trabalho de memória, completado pelo de luto" onde "cada um de nós tem o dever de não esquecer mas de dizer o passado, de um modo pacífico, sem cólera, por muito doloroso que seja" (Ricoeur, 2003, p. 7). O caminho deve ser o do abandono do mito e da busca da 'verdade'. E que o objetivo seja mesmo o de um mundo, onde não apenas o chimarrão seja partilhado, mas também o respeito ao outro e a solidariedade. Afinal, "as penas, sejam elas quais forem, tornam-se suportáveis se as narrarmos ou fizermos delas uma história" (Dinesen citado por Ricoeur, 2003).

REFERÊNCIAS

- Abejaneda, V. [Cidade de Bagé](#).
- Alazraki, J. (1977). [Lectura Estructuralista de El Sur de Borges](#). *Revista Escritura*, 2 (3), 109-119.
- Aseff, M. (2006). [Borges e o Sur Mítico](#). *Fragmentos*, 28-29, 167-178.
- Barbosa-Lessa, L. C. (1978). *Rodeio dos Ventos*. Porto Alegre: Globo.
- Borges, J. L. (1975). *Ficções*. Porto Alegre: Globo.
- Calles, D. C. (2008). [Múltiplas leituras de El Sur, de Jorge Luis Borges](#). *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, 4(9), 1-15.
- Carvalho, K. (2009). [Turismo e preservação do patrimônio cultural na visão dos moradores do bairro da Praia Grande em São Luís/MA](#). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. 3 (1), 25-45.
- Castoriadis, C. (1982). *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Charle, C. (1980). [Région et conscience régionale](#), Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 35, 39
- Choay, F. (2001). *A Alegoria do patrimônio*. São Paulo: Unesp.
- Da Silva, J.M. (2012). [Borges inventou o gaúcho mitológico em Palomas](#). *Correio do Povo*, 28-06-2012.
- Falcão, C. (2010) [Túmulos dos esquecidos](#).
- Flores, M. (1996). *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão.
- Gressler, L. A. & Vasconcelos, L. M. (2005). *Mato Grosso do Sul: Aspectos históricos e geográficos*. Dourados, MS: L. Gressler.
- Guazzelli, C. & Barcellos, A. (2006). *Fronteiras de sangue no espaço platino: recrutamentos, duelos, degolas e outras barbaridades*. Porto Alegre: Unbral, Editora UFRGS.
- Hobsbawm, E. & Ranger, T. (1984). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Le Goff, J. (1996). *História e Memória*. Campinas, SP: Unicamp.
- Lobo, J. & Bertussi, M. (2010). O legal e o local: relações de poder, conflitos e a titulação da terra na comunidade quilombola de Palmas/Bagé-RS. In: Berno, A. W: (Coord.). *Territórios quilombolas e conflitos*. (204-208) Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, UEA Edições.
- Miotto, F. C. (2010). [Representações paisagísticas em El Sur, de Jorge Luis Borges](#). *Letrônica*, 3(2), 39-49.
- Mota, C. (1995). História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870). *Estudos Avançados*, 9 (24), 243-254. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200012
- Nora, P. (1993) [Entre memória e história: a problemática dos lugares](#). *Projeto História*. São Paulo, 10, 7-28.
- Pelegri, S. (2007). [O Patrimônio Cultural e a Materialização das Memórias Individuais e Coletivas](#). *Patrimônio e Memória*. UNESP-FCLAs-CEDAP, 3(1), 87.
- Pesavento, S. (1990). *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto
- Pesavento, S. (1993) [A invenção da sociedade gaúcha](#). *Ensaio FEE*, 14 (2), 383-396. Disponível em <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaio/article/view/1617/1985>.
- Pesavento, S. (1993) [A invenção da sociedade gaúcha](#). *Ensaio FEE*, 14 (2), 383-396.
- Rhoden, L. (2001) Patrimônio histórico como potencialidade para o turismo. In: A. Gonçalves, C. Boff (orgs). *A História dos atrativos regionais*. Passo Fundo-RS: Uri/Fapers.

- Ribeiro, M.; Souto, C. & E. Santos. (2012) [A valorização da memória e do patrimônio como atrativos turísticos em propriedades rurais no Rio Grande do Sul](#). *Revista Rosa dos Ventos*, 4(2), 263-275.
- Richards, G. (2009). Turismo cultural: padrões e implicações. In: Camargo, P. & Cruz, G. da (orgs.). *Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências*. P. 25-48. Ilhéus, BA: Editus.
- Ricoeur, Paul. (2003) [Memória, história, esquecimento](#)¹⁵.
- Santillán, V.L. (2010). [La fotografía como creadora de la imagen de un destino turístico](#). Buenos Aires a través de sus tarjetas postales. *Pasos*, 8 (I), 71-82.
- Sarlo, B. (1995). [Borges, un escritor en las orillas](#). Buenos Aires: Ariel.
- Soares, F. (2006) [Santa Thereza: Um Estudo sobre as Charqueadas da Fronteira Brasil-Uruguaí](#). Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana, UFSM, Brasil.
- Vázquez, M. E. (1996) *Borges – Esplendor y derrota*. Barcelona: Tusquets.

Recebido: 9 SET 2016

Avaliado: SET 2016

2ª Rodada: JAN- FEV 2017

Aceito: 26 FEV 2017

¹⁵ Versão original “Memory, history, oblivion” no âmbito de uma conferência internacional intitulada “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”, em 8 MAR 2003, Budapeste.